

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E ARTES
VICENZO BETINI ZALESKI

Cordas da Tradição: Laços de Família e o Legado da Viola de Cocho

PROJETO DE DOCUMENTÁRIO SOBRE O ESPAÇO CULTURAL ALCIDES
RIBEIRO, MUSEU DA VIOLA DE COCHO E A FAMÍLIA RESPONSÁVEL POR SUA
CONSTRUÇÃO E MANUTENÇÃO

CUIABÁ – MT
2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E ARTES
VICENZO BETINI ZALESKI

Cordas da Tradição: Laços de Família e o Legado da Viola de Cocho

PROJETO DE DOCUMENTÁRIO SOBRE O ESPAÇO CULTURAL ALCIDES
RIBEIRO, MUSEU DA VIOLA DE COCHO E A FAMÍLIA RESPONSÁVEL POR SUA
CONSTRUÇÃO E MANUTENÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de Comunicação
e Artes da Universidade Federal de Mato
Grosso, como requisito para obtenção de
título de Bacharel em Comunicação Social
com Habilitação em Radialismo. Orientação:
Prof.^a Dr.^a Denize Dall Bello.

CUIABÁ – MT
2023

Agradecimentos

A todos que participaram, direta ou indiretamente do desenvolvimento deste trabalho de pesquisa, enriquecendo o meu processo de aprendizado.

Resumo

Este trabalho consiste na apresentação de um projeto de documentário intitulado “Cordas da Tradição” com tempo proposto de 30 minutos, dividido em três blocos o documentário abordará: 1. o museu da viola de cocho, sua localidade, os objetos e tradições relacionados; 2. Alcides Ribeiro, Mestre da Cultura popular, e sua família, como uma tradição é repassada e se mantém em uma família, atualmente alcançando a 6ª geração; e 3. relações que foram criadas ao longo da trajetória dessa família, relatos que ajudam a ilustrar como essa cultura se mantém viva e se propaga através de muitas pessoas que se cruzam e tem em comum o amor pela cultura e pela arte mato-grossense. O trabalho abordará: conceitos de cultura e comunicação e como os processos comunicacionais são importantes na transmissão dos saberes; também serão abordados elementos característicos do documentário como os modos de acordo com Bill Nichols e questões éticas; e ainda apresentará o texto do projeto de documentário.

Palavras-chaves: projeto de documentário, cultura pantaneira, cultura ribeirinha, cultura mato-grossense, viola de cocho.

Lista de Figuras

| | |
|---|----|
| Figura 1: Alcides Ribeiro | 20 |
| Figura 2: Leonice Bulhões | 21 |
| Figura 3: Mestre Caetano | 21 |
| Figura 4: Alcides com a figura de seus pais no museu: Caetano e Izabel | 22 |
| Figura 5: Filhos de Alcides: Adrielly, Arielly e Andrei | 22 |
| Figura 6: Netos: Rafaela e Miguel | 22 |
| Figura 7: Prof. Abel dos Anjos | 23 |
| Figura 8: Dona Domingas | 23 |
| Figura 9: Thomas do Rasqueado | 24 |
| Figura 10: Vincenzo Betini | 24 |
| Figura 11: Janete, Leonice, Alcides e Larissa (Filha de Janete) no museu em frente a uma poesia de sua autoria. | 25 |
| Figura 12 Viola de Cocho exposta no Museu | 25 |
| Figura 13: José Native (tio), Nairso (amigo) e Alcides durante confecção de canoa. | 26 |
| Figura 14: Gamela | 26 |
| Figura 15: Mocho | 27 |
| Figura 16: Ganzá | 27 |
| Figura 17: Pilão | 28 |
| Figura 18: Grupo de Siriri | 28 |
| Figura 19: Grupo de Cururueiros Tradição Cuiabana do Coxipó | 29 |
| Figura 20: Bois no festejo do Boi-à-Serra | 29 |
| Figura 21: Movimento Rock in Varginha na Praça do Rock | 30 |
| Figura 22: Arte de divulgação do lançamento do documentário do Mestre Alcides | 34 |

Sumário

| | |
|---|----|
| Memorial | 7 |
| Introdução | 9 |
| Organização do trabalho | 10 |
| 1. A Comunicação como criação de laços | 11 |
| 2. Documentário e Modos de Abordagem. | 14 |
| 2.1.Linguagem do documentário | 14 |
| 2.2.Os Modos do documentário | 15 |
| 2.2.1. Modo Expositivo | 15 |
| 2.2.2. Modo Participativo | 16 |
| 2.2.3. Modo Poético | 16 |
| 2.3.Aspectos éticos do documentário | 17 |
| 3. Projeto de Documentário | 18 |
| 3.1.Argumento do documentário | 18 |
| 3.2.Personagens, objetos e manifestações culturais. | 20 |
| 3.3.Sugestões para estrutura de roteiro: | 31 |
| 3.4.Links de apoio para o documentário: | 34 |
| 4. Considerações finais | 36 |
| 5. Referências bibliográficas | 38 |

Memorial

A minha trajetória sempre esteve de certa forma associada a diversos tipos de arte e à cultura. Escolher a Comunicação Social foi a meu ver a oportunidade de me formar e adquirir um ofício e ao mesmo tempo me manter em contato com algum tipo de atividade artística.

Na minha infância participei de diversos tipos de atividades como pintura, escultura, música, teatro, circo, oficina de bijuterias, crochê e todo tipo de variedade de atividades artísticas, ao mesmo tempo também me interessava por assuntos como tecnologia, montagem e manutenção de computadores, servidores, Linux, linguagens de programação, equipamentos de som e outros assuntos *nerd*. Nessa mistura de influências a vida me trouxe oportunidades que contemplavam essas duas grandes áreas de interesse, como participação e organização de *flash mobs* (manifestações rápidas e repentinas em público, no caso organizadas por redes sociais) em São Paulo e envolvimento com a área técnica de áudio.

Meu envolvimento mais sério com os bastidores da produção começou na igreja, onde tive a oportunidade de ter contato com sistemas de áudio e vídeo. Aos 17 anos fiz o curso de Operador de Áudio na Escola Técnica de Brasília que considero um marco na minha trajetória. Próximo de concluir o ensino médio, por influência da família, comecei a me preparar para concursos públicos, fiz diversas provas para bancos, tribunais, ministérios... No geral para cargos administrativos. Porém um encontro com um dos meus professores de áudio me despertou a curiosidade de buscar concursos específicos para a área que eu vinha atuando. Essa curiosidade acabou por me trazer para Cuiabá, um destino inesperado, mas que fazia sentido no momento por poder trabalhar com algo que fosse do meu interesse. No final de 2013 prestei o concurso para a Assembleia Legislativa de Mato Grosso e passei para o cargo de Operador de Áudio da TV. Ao mesmo tempo fiz ENEM e fui aprovado para o curso de Estatística na UFMT. Um ano após o início do curso me vi em uma posição onde tinha interesse no conteúdo, porém via com desânimo as carreias possíveis para os egressos da área. Então prestei um novo ENEM e entrei para o curso de Comunicação Social com Habilitação em Radialismo na UFMT.

No decorrer da minha graduação, minha jornada foi movida pelo interesse em conhecer e vivenciar as culturas regionais e pela incessante busca por ampliar minha compreensão do mundo por meio da comunicação e da música. Essa trilha de

experiências e interesses me levou a participar de um oficina de confecção de viola de cocho que considero o contato inicial que viria dar início a amizade com o Mestre e artesão Alcides Ribeiro: a grande inspiração de realizar esse projeto de documentário e contar um pouco da história de um instrumento, um lugar e de uma família que vive a arte e a cultura popular, um documentário dedicado a explorar as raízes e a reverberação da tradição da viola de cocho em conexão íntima com o Museu da Viola de Cocho, localizado no pitoresco distrito de Varginha, no município de Santo Antônio de Leverger.

Introdução

Esse trabalho de conclusão de curso consiste na elaboração de um projeto de documentário intitulado “Cordas da Tradição: Laços de Família e o Legado da Viola de Cocho”. O desenvolvimento desse projeto reúne conhecimentos e habilidades apreendidos durante a minha graduação como comunicador social, desde temas práticos como desenvolvimento de roteiro, organização de produção e linguagens audiovisuais até discussões em como a comunicação é parte fundamental no processo de aprendizado e transmissão de conhecimento em diferentes situações, seja na transmissão mestre/aluno ou mesmo entre gerações que se empenham em um mesmo ofício.

O documentário abordará como tema central o Museu da Viola de Cocho: Espaço Cultural Alcides Ribeiro. Para além da exposição do museu como um guardião ativo dessa riqueza cultural, a pesquisa almeja demonstrar sua influência marcante na preservação da memória e das riquezas culturais mato-grossenses e como sua história enquanto local se confunde com a história de vida do Mestre Alcides, que dá nome ao espaço. A estrutura proposta pelo projeto propõe um olhar carinhoso pelo espaço construído e os significados que carrega, pela família responsável e pelos laços criados durante essa trajetória.

As fontes que fomentarão a construção deste projeto de documentário abraçam uma diversidade abrangente, incluindo diálogos informais, entrevistas junto aos integrantes do Museu, registros jornalísticos, literatura especializada e quaisquer recursos que enriqueçam e tragam profundidade na narrativa planejada. A vivência e a proximidade entre o documentarista e as pessoas e locais documentados tem grande valor na construção do conteúdo. Ainda que as informações pudessem ser transmitidas em uma entrevista, há elementos subjetivos que só podem ser percebidos ao se dedicar tempo para se relacionar profundamente com pessoas e locais que são de maneira encarnada a própria cultura. Uma conversa no quintal vai muito além das palavras trocadas: os gestos, os hábitos, os sons, os gostos, as manias, os carinhos, as habilidades, as ações entre outras infinitas camadas de conteúdo que são acessadas ao se permitir viver aquele momento e compartilhar toda essa riqueza de experiências.

Dentro do universo audiovisual, o cinema é popularmente conhecido por seus grandes orçamentos e produções monumentais. No entanto, este projeto de

documentário propõe uma abordagem distinta, almejando ampliar as experiências visuais e oferecer ao público uma perspectiva diferenciada. Ao abraçar a linguagem documental, o projeto busca trazer à tona a autenticidade e a profundidade das histórias, enriquecendo a compreensão das culturas e tradições enraizadas na localidade. É uma possibilidade de mesclar na tela informações a uma camada poética visual onde o espectador terá a oportunidade de conhecer um pouco da riqueza cultural mato-grossense.

Organização do trabalho

A composição deste trabalho ocorrerá através da divisão e desenvolvimento de três capítulos, que elaboram aspectos da pesquisa e desenvolvimento do projeto:

O primeiro capítulo abordará ideias relacionadas à cultura e à comunicação. Nesse capítulo, será proposta uma reflexão sobre como a comunicação difunde a cultura, considerada elemento essencial da vida em sociedade, conforme discorre o Prof. José Péricles Diniz. Para além da transmissão de diversos saberes entre diferentes gerações, a comunicação é um processo complexo que envolve as relações e as ligações entre as pessoas e as coisas.

O segundo capítulo desse trabalho abordará temas relativos à linguagem do documentário com base no livro Introdução ao documentário de Bill Nichols. O entendimento dos modos do documentário auxilia a encontrar uma voz, uma personalidade própria para narrativa proposta.

No terceiro capítulo será apresentado o projeto de documentário elaborado para este trabalho de conclusão de curso. “Cordas da Tradição: Laços de Família e o Legado da Viola de Cocho.” é um projeto que mistura objetivos pessoais e coletivos. O cerne deste documentário é o registro e divulgação das riquezas dos saberes pantaneiros, das cores e vozes da cultura mato-grossense, que motiva tanto Mestre Alcides como eu e outros personagens que serão apresentados no projeto. A proposta narrativa se divide em três blocos que abordarão 1. O Museu da Viola de Cocho, Espaço Cultural Alcides Ribeiro, a localidade, objetos e tradições envolvidas; 2. Alcides Ribeiro e membros da sua família, como parte viva da cultura pantaneira nas pessoas responsáveis pela construção desse lugar; 3. Histórias que cruzam essa trajetória demonstrando que a cultura é construída por relações e demonstrando a beleza dos laços criados durante a trajetória dos personagens.

1. A Comunicação como criação de laços

A cultura representa um conjunto de valores, crenças e costumes de determinado grupo. Ela começa a ser criada a partir das experiências vividas e vivenciadas por seus membros, especialmente os mais antigos, e é ensinada aos demais, de modo que tais práticas se tornam habituais àquele povo.

Esse processo de transmissão do saber acontece através da comunicação estabelecida nessa sociedade, baseada em sinais e códigos em comum. É um processo biológico básico, pois faz parte do instinto de sobrevivência do ser humano. O conhecimento empírico adquirido pelo ser humano foi repassado entre gerações por meio de conversas, demonstrações do ofício, pela inclusão dos novos integrantes nas atividades cotidianas, isto é, através de variados meios de comunicação, sobretudo pela conexão mais próxima e afetiva, era pai ensinando filho, avó ensinando neta. Por isso, entende-se que a cultura revela o modo de viver, de compreender a vida, os valores por eles seguidos, uma vez que o conhecimento transmitido serve como guia para aqueles indivíduos, suas relações e comportamentos.

O ser humano é um animal social, mas acima disso, é um ente cultural. Ou seja, ele elabora, consome, reproduz, aprimora, transforma e transmite saberes e fazeres de sua cultura peculiar e exclusiva. Neste processo dinâmico e interminável, a comunicação é um elemento essencial. Sem ela, não é possível falar em convívio social. (DINIZ, 2010, p. 1)

A partir dessa análise sobre a importância da cultura para um povo, a linguagem oral foi se desenvolvendo e tornando as relações sociais cada vez mais complexas e, via de consequência, os indivíduos mais conscientes da sua função de produzir, manter, difundir e propagar a cultura (DINIZ, 2010, p. 4).

É através da comunicação que as gerações mais velhas transmitem às gerações mais novas o seu acervo de experiências, os símbolos, as normas, os mitos acumulados. É através da comunicação que os indivíduos de uma mesma geração transmitem aos demais as suas descobertas, as inovações que vão adaptando uma determinada cultura às condições e às exigências da sociedade em sua marcha evolutiva. (MELO, 1998, p. 187)

Fez-se necessário criar maneiras para que esse conhecimento não se perdesse na oralidade, em um curto espaço e tempo. Passaram a contar lendas e tradições para que a cultura se perpetuasse por mais tempo, no entanto, as histórias

acabavam por receber influência do transmissor, com distorções ou opiniões pessoais, por exemplo, alterando a mensagem inicial. Veio então,

a decadência da história oral e a submissão da autoridade dos anciões perante novos valores da sociedade contemporânea. Pode também ser interpretada como a consequência de mudanças qualitativas no sentido das experiências e no declínio da memória coletiva, se compreender a oralidade como sua faculdade comunicativa e o ancião seu porta-voz, seu narrador, onde tais experiências mostram-se acumuladas. (ACORDI, 2009)

A fim de reduzir a demora no processo da transmissão da mensagem e as intervenções de terceiros, utilizaram-se de mensageiros, cavaleiros e de códigos de sobrevivência, como o sinal de fumaça, as badaladas dos sinos, o alarme de incêndio.

Alcançando cada vez mais o imediatismo, cuidaram, então, de registrar seu modo de vida, para que a cultura perpetuasse por mais tempo e alcançasse mais pessoas. Deu-se início às representações imagéticas do cotidiano até o desenvolvimento da escrita, atribuindo fonemas aos símbolos. Esta é considerada como o meio de comunicação com maior alcance e força para manter a cultura viva.

Marshall McLuhan, em sua Galáxia de Gutenberg, identifica uma cultura baseada no manuscrito e na oralidade até a idade média, quando a audição era o componente fundamental no processo de transmissão do conhecimento. Depois dela, fala de uma cultura do livro impresso, do homem tipográfico, com a leitura individual substituindo a audição enquanto sentido mais importante para a comunicação. A era da Galáxia de Gutenberg se encerraria justamente com a ascensão dos novos meios eletrônicos – o rádio e a tevê – que resgatariam a importância da imagem e do som para os processos comunicativos. (DINIZ, 2010, p. 11)

Com o advento da era digital, a escrita e a leitura foram adaptadas para uma comunicação globalizada, com o aperfeiçoamento das técnicas de produção e reprodução de textos, assim como com o reflexo social, político, econômico e cultural das camadas da sociedade, uma vez que a população mais pobre não tinha acesso a tantos meios de comunicação. Assim, implementa-se o binômio entre a linguagem formal e a linguagem popular, que, no entanto, é definido pela elite intelectual da época. Em contrapartida, a cultura de massa se insere na indústria cultural e passa a democratizar a informação, tornando-a uma prática social acessível.

Esta continuidade existe; mas, precisamente porque é continuidade, é processo, e não paralisação. A cultura só é enquanto está sendo. Só permanece porque muda. Ou, talvez dizendo melhor: a cultura só “dura” no jogo contraditório da permanência e da mudança. (FREIRE, 1985, p. 54)

A internet tem chegado em lugares cada vez mais distantes, proporcionando às classes mais vulneráveis acesso a tudo que acontece no mundo em tempo real. A vida virtual é acelerada, momentânea, passageira, superficial.

Por isso, é essencial que, além das experiências culturais que vivenciamos, sejam produzidos estudos e pesquisas sobre todos os inúmeros aspectos da cultura popular, para que todos tenham acesso e conhecimento sobre sua ancestralidade. É imprescindível que haja consciência social, política e cultural, para ser capaz de reconhecer o valor das singularidades do seu povo, a riqueza e a beleza de sua história.

Assim é o caso do Mestre Alcides, que construiu sua relação com a viola de cocho a partir da sua vivência em família. Teve contato com o instrumento durante toda a sua vida, vendo o pai, Seu Caetano, produzir as violas. Com ele aprendeu o ofício, mas acima de tudo, o valor e a importância da viola de cocho na história da família e da comunidade. Com o instrumento, Mestre Alcides selou uma relação de amor e admiração, dedicou sua vida para a existência dessa riqueza cultural, pois seu pai lhe ensinou logo aos 15 anos e, desde então, trabalha com as violas de cocho. Mestre Alcides tem o apoio da Leonice, sua esposa, que aprendeu o ofício com Seu Caetano e sempre ajudou na fabricação das violas e na continuidade do legado da família. E agora o Mestre transmite seu saber ao seu filho Andrei e seu neto Miguel.

Granovetter (1973) explica que os laços são constituídos de interações que vão acumulando intimidade e confiança, formando laços mais fracos (quando há menos desses recursos envolvidos) ou mais fortes (quando há mais desses recursos envolvidos). Os laços fortes tendem a conectar atores mais semelhantes entre si (ou seja, com características mais homogêneas, com backgrounds, cultura e educação semelhantes), em uma característica denominada homofilia. (RECUERO, 2012)

São esses laços familiares que não deixam que a história se perca no esquecimento, porque são laços fortes, baseados em relações sólidas e duradouras. E, para contribuir com a existência deste instrumento marcante da música ribeirinha, este projeto de documentário pretende ressoar toda a sabedoria do Mestre Alcides, para que mais pessoas apreciem seu trabalho, para que desperte o interesse da comunidade e o reconhecimento da arte da viola de cocho e para que mantenha esse legado vivo.

2. Documentário e Modos de Abordagem.

2.1. Linguagem do documentário

O presente projeto de documentário se baseia nos fundamentos pesquisados e teorizados por Bill Nichols em *Introdução ao documentário* (2016, 6 ed) para que, a partir deles, se possa desenvolver um documentário sobre o Museu da Viola de Cocho: Espaço Cultural Alcides Ribeiro. Ao escolher desenvolver um documentário, busca-se aqui um atento a esse recorte da realidade mato-grossense que é vasto de memórias e experiências.

O documentário fala de situações e acontecimentos que envolvem pessoas reais (atores sociais) que se apresentam para nós como elas mesmas em histórias que transmitem uma proposta, ou ponto de vista, plausível sobre as vidas, as situações e os acontecimentos reais. (NICHOLS, 2016, p. 37).

Pela história da sociedade, compreendemos acontecimentos ou vidas da forma como nos são apresentados. O filme documentário trata, de muitas formas, a realidade e como a interpretamos sem que seja apenas uma reprodução fidedigna de determinado assunto. Ainda que os filmes do cinema de ficção também possam abordar a realidade, o sistema socioeconômico que rege a indústria cinematográfica limita sua capacidade de inovação, o que se percebe pela contínua reciclagem de franquias e propriedades intelectuais que já possuem um público estabelecido. Pode-se dizer que o documentário é capaz de inverter essa ótica, abordando diretamente as estruturas da sociedade tratando da realidade.

Nem invenção ficcional nem reprodução factual, o documentário recorre à realidade histórica e a ela se refere ao representá-la de uma perspectiva diferente (NICHOLS, 2016, p. 30)

O documentário é uma forma de lançar perspectivas sobre aspectos da história, cultura, comunidades, pessoas e toda forma de relação social presente em nossas vidas. “Cordas da Tradição” é um projeto de documentário que define sua perspectiva sobre o ofício de uma família e com isso demonstra a amplitude do Pantanal e sua cultura. A voz do documentário não será uma voz em *off*, mas sim construída a partir dos múltiplos elementos possíveis durante sua realização, dentre eles estão as relações e relatos dos atores sociais elencados, as imagens de arquivo recuperadas,

músicas e lugares documentados. Seguindo a ideia proposta, o documentário segue algumas características dos chamados modos de documentário, segundo NICHOLS (2016).

2.2. Os Modos do documentário

Os gêneros dentro do documentário se associam de maneira interpretativa aos modos do documentário. Modos são sofisticações na linguagem do documentário que nascem do desejo de cineastas em “propor maneiras diferentes de representar o mundo” (Nichols, 2016, p. 168). As sofisticações não são necessariamente melhorias narrativas que tornam as maneiras anteriores supérfluas, apenas trazem abordagens e nuances até então não experimentadas. Esse processo cria uma gama de identidades para os documentários, que não se encaixam na descrição de apenas um dos modos, como é o caso do presente projeto. “Cordas da tradição”, em seu argumento, intenciona tratar de uma linha histórica que se estende no pantanal mato-grossense através das vidas do mestre Alcides Ribeiro e sua família, em torno da cultura do siriri, cururu e o instrumento que compreende toda essa expressividade única: a viola de cocho. “Cordas da Tradição” é um documentário baseado em elementos dos modos expositivo, participativo e poético. A forma como esses modos são percebidos no documentário se dará nos blocos que o compõem.

2.2.1. Modo Expositivo

O modo expositivo realça a impressão de objetividade e uma perspectiva bem embasada (...) é o modo ideal para transmitir informações ou mobilizar apoio dentro de uma estrutura preexistente no filme. (Nichols, 2016, p. 176).

O olhar sobre a memória da família Ribeiro destaca a realidade histórica da cultura pantaneira de maneira nítida e sem intervenções explícitas em sua primeira parte. A exposição trazida pela equipe será por textos e imagens que contextualizam a cultura da dança e música do pantanal, o Espaço Cultural Alcides Ribeiro e as pessoas que transportam esse legado. O objetivo é precisamente trazer os espectadores a esse cenário, criando empatia e atenção sobre o tema. A partir dessa apresentação, a história é carregada pelas vozes das próprias pessoas que a vivenciam.

2.2.2. Modo Participativo

A opção pelo modo participativo é inevitável no desenvolvimento do projeto, é parte integral deste trabalho a conexão que o autor deste presente trabalho desenvolveu com a história contada. O terceiro bloco apresenta o conhecimento e vivência da cultura pantaneira através de muitos personagens, sendo um deles o autor.

Quando assistimos a documentários participativos, esperamos testemunhar o mundo histórico da maneira como é representado por alguém que se engaja ativamente com os outros, e não por alguém que observe discretamente, reconfigure poeticamente ou conte argumentativamente o que os outros dizem e fazem. (Nichols, 2016, p. 190).

A experiência direta do autor com as pessoas do documentário é a razão inicial do projeto em si. Sua presença ativa funciona como um elo entre espectador e ator. Vincenzo é enquadrado como um pesquisador interessado sobre o ciclo cultural em torno da viola de cocho, mas também se apresenta como alguém que faz parte dessa cena. Os encontros entre atores sociais e autor ligam a personalidade à historicidade do documentário, uma articulação enfática de representação dessa realidade.

2.2.3. Modo Poético

Uma forma de expressar as fortes raízes da cultura e seu local de surgimento é a alegoria dos sons e águas em harmonia. Este é um elemento retórico sobre territorialidade e identidade do povo pantaneiro. Como partes da vida ribeirinha, esses aspectos já se mesclam na realidade dessas pessoas.

O modo poético é particularmente hábil em possibilitar formas alternativas de conhecimento para a transferência direta de informações(...)Aprendemos, nesse caso, por afeto ou sentimento, por adquirir a percepção de como é ver e experimentar o mundo de um modo poético, singular (Nichols, 2016, p. 70).

Como se trata de um modo aberto a experimentações, o presente documentário se valerá da montagem de áudio e vídeo de maneiras complementares aprofundando a narrativa em aspectos não verbais de comunicação.

Enquanto as outras partes do documentário se embasam na exposição de memórias e vivências, os elementos trazidos pelo modo poético acrescentam maior subjetividade à obra.

2.3. Aspectos éticos do documentário

Considerando que, por mais direta seja a expressão de uma pessoa em um documentário, o controle sobre essa expressão fica com o cineasta, que corre o risco de criar uma imagem indesejada sobre aqueles que documenta. Segundo Nichols, é importante que haja um consentimento informado entre as partes, conscientes das possíveis consequências do projeto. É de interesse do projeto que haja uma transparência com as pessoas entrevistadas, evitando qualquer mal direcionamento ou prejuízo para elas. Não há como manter uma distância estritamente profissional entre equipe e entrevistados, visto que a relação entre ambos é próxima e declarada neste projeto de antemão. Contudo, tal relação é material do documentário em si, demonstrando o processo humano de se interessar pelas manifestações culturais e abraçá-las. O filme começa com a formulação documental "eu falo deles para vocês", em que o autor começa pela apresentação da família Ribeiro, o Museu da Viola de Cocho e suas memórias da cultura pantaneira. a narrativa progride para a formulação "nós falamos de nós para vocês", em que o autor expressa seu encontro afetivo com essa cultura e se sente acolhido por ela.

3. Projeto de Documentário

3.1. Argumento do documentário

Título:

“Cordas da tradição: Laços de Família e Legado da Viola de Cocho”.

Sinopse:

"Cordas da Tradição" é um documentário que mergulha na riqueza cultural de Mato Grosso através da história da Viola de Cocho e do Museu da Viola de Cocho: Espaço Cultural Alcides Ribeiro. O filme explora como um objeto pode representar e unir o interesse de diversas pessoas, como a comunicação é fundamental na transmissão de saberes e como as tradições são preservadas através das gerações. Além disso, o documentário destaca a conexão profunda entre a família de Mestre Alcides Ribeiro e a cultura pantaneira.

Argumento:

Da paixão pela cultura mato-grossense e pelas riquezas pantaneiras da região nasce esse projeto de documentário. A proposta deste trabalho é preservar e divulgar a tradição da Viola de Cocho e a cultura mato-grossense, apresentar a história de vida de Mestre Alcides Ribeiro e sua família como portadores da cultura pantaneira e destacar a influência do Museu da Viola de Cocho na preservação da memória cultural.

No coração vibrante do Pantanal, onde as águas encontram a música e as gerações se entrelaçam, surge "Cordas da Tradição: Laços de Família e o Legado da Viola de Cocho". Este documentário envolvente nos conduz através de uma jornada emocional, imergindo nas histórias de pessoas unidas por uma paixão ardente pela viola de cocho e sua herança cultural. Com segmentos que exploram cada aspecto dessa tradição, o filme captura a essência pulsante da vida pantaneira.

O Museu da Viola de Cocho: Espaço Cultural Alcides Ribeiro

Iniciamos nossa jornada apresentando a localidade do museu, onde a tradição da viola de cocho flui harmoniosamente com as águas do Pantanal. Descobrimos como essa antiga herança musical viva em tradições como siriri, cururu, boi a serra e

outras manifestações populares se entrelaçam com a localização do Museu da Viola de Cocho: o distrito de Varginha em Santo Antônio de Leverger, criando uma sinfonia cultural que ecoa através das planícies. O Pantanal ganha vida através da melodia, celebrando sua própria geografia e história.

Mestre Alcides e o Legado de Família

No segundo bloco, adentramos a vida de Alcides Ribeiro, artesão habilidoso, e exploramos como sua paixão transcende a música. Juntamente com sua esposa Leonice Bulhões e a memória do pai Caetano Ribeiro, Alcides tece uma narrativa emocional que atravessa gerações. Filhos e netos participam da tradição, criando uma sinfonia familiar que ecoa com amor, memórias compartilhadas e a beleza da tradição.

Laços de Família e Tradição

No terceiro bloco, ampliamos o alcance da tradição ao ouvir vozes diversas que compartilham o amor pela viola de cocho e sua influência. Com diversas entrevistas que Do Professor Abel, explorando a riqueza musical e histórica, a Seu João Nogueira, contemporâneo e amigo de Seu Caetano. Outros personagens como a poetisa Janete Anghinoni, o músico Thomas do Rasqueado e eu, Vincenzo Betini, que conecta a aprendizagem à amizade, completam esse retrato multifacetado da tradição.

3.2. Personagens, objetos e manifestações culturais.

Principais personagens:

Alcides Ribeiro dos Santos: é Mestre da Cultura Popular do Estado de Mato Grosso. Assim considerado por dedicar sua vida e obra à produção e manutenção das práticas e saberes relativos à arte da viola de cocho por mais de quatro décadas. Reconhecido pela transmissão de seus conhecimentos para toda uma comunidade e por sua destreza técnica no ofício.

Abaixo descrição retirada do Portifólio de Alcides:

“Produtor Cultural e Artesão da Viola de cocho, canoa de cocho, gamela, remos, ganzá e mocho de siriri. A renda é obtida através da Viola de Cocho, onde aprendeu com o pai (Mestre Caetano Ribeiro) com 15 anos de idade, e estou na quarta geração dando continuidade na confecção de viola de cocho e colaborando com os registros, salvaguarda e preservação da cultura mato-grossense e passando o saber para os jovens e adultos. Formação acadêmica é ensino médio completo, formação cultural foi na vivência, aprendendo os mestres Caetano Ribeiro e Manoel Severino, duas referências de artesões e cururueiros. Desde então buscando sempre aprender e aperfeiçoar.”



Figura 1: Alcides Ribeiro

Leonice Bulhões: parceira de vida. Acompanha todos os trabalhos de perto, auxilia na produção das violas, ensina os saberes pantaneiros com maestria também, figura importantíssima nessa jornada, ajuda a construir a história como parte viva da cultura mato-grossense.



Figura 2: Leonice Bulhões

Seu Caetano Ribeiro: pai



Figura 3: Mestre Caetano

Dona Izabel Jobeyt: mãe



Figura 4: Alcides com a figura de seus pais no museu: Caetano e Izabel

Adrielly, Arielly e Andrei: filhos



Figura 5: Filhos de Alcides: Adrielly, Arielly e Andrei

Miguel e Rafaela: netos



Figura 6: Netos: Rafaela e Miguel

Prof. Abel: foi amigo de Seu Caetano em vida. Tem uma reconhecida trajetória na música mato-grossense por ajudar na manutenção dos saberes pantaneiros ao dedicar seu trabalho a Viola de Cocho.



Figura 7: Prof. Abel dos Anjos

Dona Domingas: matriarca do grupo Flor Ribeirinha. Participou da jornada de construção da cultura mato-grossense nas últimas décadas e partilha parte da trajetória com Alcides Ribeiro.



Figura 8: Dona Domingas

Thomas do Rasqueado: Músico e educador, da mesma geração de Alcides, membro do grupo de cururueiros Tradição Cuiabana do Coxipó e lidera o Siriri Elétrico. Um dos grandes parceiros na difusão da cultura pantaneira.



Figura 9: Thomas do Rasqueado

Vicenzo Betini: músico, produtor cultural e (futuro) radialista. O documentarista que escreve esse projeto. Amigo e discípulo de Alcides e Leonice, fazer viola de cocho foi só uma das várias coisas que aprendi e aprendo com essas pessoas maravilhosas.



Figura 10: Vicenzo Betini

Janete Anghinoni: poetiza e amiga do casal. Também é discipula do Mestre tendo feito sua própria viola também. Tem palavras que foram eternizadas nas paredes do museu e em nossos corações.



Figura 11: Janete, Leonice, Alcides e Larissa (Filha de Janete) no museu em frente a uma poesia de sua autoria.

Objetos do Museu:

Viola de Cocho: principal objeto que dá nome e motiva a existência do museu.

Viola de cocho é um instrumento musical de forma e sonoridade sui generis produzido na região da bacia do Rio Paraguai – baixada cuiabana e adjacências – nos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Destaca-se como um instrumento fundamental nos gêneros musicais cururu e siriri, cultivados, sobretudo, em manifestações culturais ligadas à religiosidade e à brincadeira. é produzida de modo artesanal e, tradicionalmente, com matérias-primas extraídas da natureza – da fauna e da flora do pantanal e do cerrado. (IPHAN, 2009, p. 13)



Figura 12: Viola de Cocho exposta no Museu

Canoa de cocho: meio de transporte tradicional da cultura pantaneira. Era muito comum que as famílias tivessem sua canoa, esse objeto traz consigo muita história sobre o modo de viver pantaneiro, desde a produção com ferramentas artesanais envolvendo diversas pessoas em um processo que leva dias, até sua utilização como meio de transporte e ferramenta de trabalho para a pesca. Os remos também são feitos manualmente e estão expostos no museu.



Figura 13: José Native (tio), Nairso (amigo) e Alcides durante confecção de canoa.

Gamela: utensílio em formato de tigela geralmente oval. Fabricada a partir da escavação de uma peça de madeira.



Figura 14: Gamela

Mocho: instrumento de percussão tradicional do Siriri. Sua estrutura parece de um banco, é feito de madeira, couro e pregos usando duas baquetas para tocar.



Figura 15: Mocho

Ganzá: instrumento tradicional utilizado no Siriri e no Cururu. É uma variação do que é nacionalmente conhecido como reco-reco. Instrumento feito a partir da taquara com fendas verticais e ranhuras horizontais, o som é produzido a partir da raspagem de um osso de boi.



Figura 16: Ganzá

Pilão: utensilio culinário com a função de moer alimentos. Utilizado no preparo de pratos típicos como a paçoca de pilão e o pixé, além disso também é utilizado na produção de farinha de mandioca e fubá. O pilão compartilha com a gamela, a canoa

e a viola de cocho um modo parecido de fabricação, todos esses objetos são feitos, de maneira geral, a partir da escavação de uma peça sólida, através da lâmina os objetos ganham vida a partir de uma matéria prima em comum.



Figura 17: Pilão

Manifestações culturais da região:

Siriri: envolve a música e a dança, presente em festas tradicionais como o carnaval e em festejos religiosos. A composição instrumental é formada pela viola de cocho, mocho e ganzá. Pode acontecer em manifestações de rodas com brincadeiras populares e em apresentações de grupos com repertórios e passos afiados.



Figura 18: Grupo de Siriri

Cururu: assim como o Siriri, é uma tradição que envolve a cantoria e a dança, são utilizados como instrumentos a viola de cocho e o ganzá. Nas manifestações religiosas o cururu é executado por homens que tocam, cantam e dançam.



Figura 19: Grupo de Cururueiros Tradição Cuiabana do Coxipó

Boi-à-Serra: festividade tradicional de Santo Antônio de Leverger, evoca elementos simbólicos como a representação do boi, a brincadeira envolve desde os mais pequenos até os mais velhos. Tradicionalmente era executado com os instrumentos da região como a viola de cocho, o mocho e o ganzá, hoje se vê também instrumentos modernos como caixa e surdo.



Figura 20: Bois no festejo do Boi-à-Serra

Rock In Varginha: movimento comunitário que realiza eventos e festivais, foi responsável por movimentar a comunidade para a construção da Praça do Rock, primeira praça pública do distrito de Varginha.



Figura 21: Movimento Rock in Varginha na Praça do Rock

3.3. Sugestões para estrutura de roteiro:

Bloco 1:

O primeiro bloco tem uma função principalmente expositiva, a intenção inicial é situar o espectador, guiando-o pela jornada de descoberta do Museu da Viola de Cocho.

As primeiras cenas começam localizando o expectador, com imagens que iniciam mostrando todo o planeta terra, direcionando na sequência: para a América; América Latina; América do Sul; Brasil; Centro Oeste; Mato Grosso; Baixada Cuiabana; Município de Santo Antônio de Leverger e, por fim, o Distrito de Varginha. Essa sequência será acompanhada de uma narração com comentários conduzindo essa jornada.

Após a chegada ao distrito uma nova etapa se inicia, agora o expectador será apresentado brevemente as manifestações culturais que ocorrem na localidade. A apresentação do lugar será feita através de suas festas. As tradições religiosas celebradas com o Cururu, as brincadeiras populares com Siriri, as crianças na folia com seus bois e até mesmo o movimento do rock que mobilizou a cidade para a construção de uma praça pública.

Agora que fizemos a localização geográfica e uma breve apresentação da cultura, seguimos nossa viagem entrando no museu da Viola de Cocho. Aqui teremos uma ideia da dimensão física do espaço, como um tour guiado, expondo as pinturas e poesias que enriquecem o ambiente e falando sobre os objetos que compõe o acervo do museu que são principalmente: a viola de cocho, mocho, ganzá, canoa e remo, pilão, gamela e artesanatos. Cada um desses objetos será brevemente apresentado, intercalando imagens do museu com outras imagens que complementem a interpretação dos objetos, por exemplo, ao falar da canoa, mostraremos imagens do processo de confecção, desde o seu início, quando os artesãos se embrenham por alguns dias mata adentro em um esforço coletivo, buscando o tronco de árvore adequado para se tornar uma canoa, como se já vislumbrassem a canoa dentro do tronco, removendo apenas as partes da madeira que não a compõem.

Bloco 2:

Esse segundo bloco tem a intensão de mostrar um pouco da trajetória da família de Alcides. Através de relatos colhidos em entrevistas no quintal do Museu com o objetivo de trazer o expectador para perto, como se estivesse ouvindo histórias de família em um domingo a tarde embaixo da mangueira.

Também será demonstrado o envolvimento familiar na confecção de objetos como a canoa e a viola de cocho que carregam semelhanças no modo de fazer.

Sugestão de cena: caminhando pelas matas para escolher a matéria prima para a confecção da viola Vincenzo e Alcides param em frente a uma árvore e Alcides comenta sobre a qualidade da madeira e conta que dentro daquela árvore já existe o instrumento, sendo necessário o trabalho de tirar o que não é viola para que aquele pedaço de madeira se torne um objeto útil a vida pantaneira.

Aqui serão apresentados os membros da família, demonstrando a importância de cada um: Seu Caetano, o pai, que ensinou o ofício ao filho, mestre na confecção da viola de cocho, nos deixou mas vive na memória e também é eternizado nas paredes do museu; Leonice Bulhões, esposa e companheira de jornada, braço direito de Alcides auxiliando tanto no planejamento como na execução de diversas atividades, desde festas a confecção das violas; Miguel, que é o neto mais novo, e já conhece muito do modo de fazer, inclusive auxiliando o mestre em alguns processos; serão apresentados também outros personagens da família que vive em contato com esse instrumento símbolo da cultura mato-grossense.

As entrevistas serão intercaladas com imagens de arquivo mostrando também a participação dos membros da família nas atividades artísticas e culturais realizadas.

Bloco 3:

Na última parte vamos ver um pouco de como a jornada dessa família se cruza, se liga e se intercala com outras histórias.

Para esse bloco serão realizadas entrevistas com personagens que tem um amor em comum: a arte e a cultura mato-grossense. Pessoas que se envolvem e são envolvidas. Desde o Prof. Abel que foi parceiro de Seu Caetano e grande divulgador da Viola de cocho até a poetiza Janete que aprendeu com Alcides e fez sua própria viola e enriqueceu as paredes do museu com seus versos e poesias.

Aqui a intenção é mostrar a amplitude das relações criadas através da atividade artística, da tradição, da dedicação e trabalho. Um trabalho que envolve desde a comunidade mais próxima no distrito de Varginha, mas também circula o Brasil e o

mundo levando um pouco da cultura pantaneira, da cultura ribeirinha, da cultura mato-grossense.

3.4. Links de apoio para o documentário:

Documentário do Mestre Alcides Ribeiro

PROCURAR



Figura 22: Arte de divulgação do lançamento do documentário do Mestre Alcides

<https://www.instagram.com/p/CWq2rqOrOhE/>

Documentário Cururueiros do Pantanal

<https://www.youtube.com/watch?v=dBYjkkB5w7c>

Série documental Taquaras, tambores e violas (T02EP12 - episódio restrito)

<https://www.laboratoriocisco.org/taquaras>

Homenagem do Grupo Tchapa y Cruz ao Artesão Alcides

<https://www.youtube.com/watch?v=T8XQYpgoPT8>

Inauguração museu da viola de cocho

[https://jpaes.com/home/f/%F0%9F%8C%8Elugares-museu-da-viola de cocho-do-mestre-alcides-varginha](https://jpaes.com/home/f/%F0%9F%8C%8Elugares-museu-da-viola_de_cocho-do-mestre-alcides-varginha)

Modo de Fazer Viola de Cocho

<http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/planodesalvaguardavioladecochoweb.pdf>

Cuiabá 303 anos | Alcides Ribeiro (material TV assembleia)

<https://www.youtube.com/watch?v=gytDJw7ufDI>

Mestre Alcides

<https://www.artesol.org.br/alcidesdossantos>

As representações espaciais/simbólicas e os sentidos do lugar da festa do boi-à-serra em Santo Antônio de Leverger/MT

<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/44123#:~:text=A%20Festa%20do%20Boi%C3%A0%2DSerra,fronteiras%20existenciais%20de%20umaviv%C3%A0ncia%20colativa.>

4. Considerações Finais

Este trabalho de conclusão de curso reuniu conhecimentos acumulados ao longo da minha graduação, desde questões práticas como elaboração de roteiro e técnicas de montagem para construção narrativa até discussões sobre ética e conceitos de comunicação e cultura.

Ao longo da escrita pude perceber a relevância da formação para elaborar de maneira consciente uma proposta de documentário que seja realizável, com uma justificativa que atende uma necessidade social e local: a difusão da cultura mato-grossense.

O projeto de documentário proposto neste trabalho ainda se encontra em etapa de desenvolvimento. Para possível execução é importante elaborar um cronograma de execução, formação da equipe necessária e orçamento com os gastos envolvidos na pré-produção, produção e pós-produção.

A pesquisa realizada contribuiu com um entendimento mais amplo de conceitos sobre comunicação e cultura, sobre como a comunicação é uma ferramenta fundamental para a transmissão de saberes e como essa transmissão mudou de forma ao longo dos anos de acordo com as técnicas e tecnologias disponíveis.

Ainda houve uma grande contribuição para compreender a aplicação prática de temas acerca da produção audiovisual, uma ampliação dos conceitos de documentário e diferentes propostas narrativas. Também a importância de zelar pela imagem das pessoas, locais, costumes e objetos de modo que o resultado respeite todos esses elementos através da comunicação e acordos que são feitos com transparência entre documentarista e documentados.

Um sonho se inicia a partir da escrita desse projeto. É emocionante pensar na possibilidade de realizar o documentário proposto. Para isso uma nova etapa se inicia após a conclusão deste trabalho. As possibilidades de execução precisam ser calculadas de acordo com as exigências dele. A organização de uma planilha orçamentária possibilita que se compreenda quais os mecanismos disponíveis para obtenção dos recursos/estrutura necessária para a realização do projeto.

Atualmente vejo que as possibilidades de realização passam pelas seguintes possibilidades: 1. trabalho voluntário em equipe, reunindo pessoas interessadas no tema e dispostas em contribuir na execução do projeto; 2. apresentação do projeto para emissoras/produtoras que possam se interessar pela realização do projeto e

assumam a produção do documentário; 3. com a atual onda de investimentos públicos é possível também a participação em editais de fomento que promovem realizações audiovisuais, arrecadando os valores necessários e possibilitando a contratação de equipes e serviços necessários para boa execução do projeto.

5. Referências bibliográficas

ACORDI, L. O.; FLEURI, R. M.; REAL, Márcio Penna Corte. **Comunicação de saberes: questões para estudo sobre os elementos de formação na capoeira.** Florianópolis: ARIC, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/181392/cc2009_ARIC_FLEURI_ACCORDI_REAL_Capoeira.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 02 out 2023.

AGUESSY, Honorat et al. **Introdução à cultura africana.** 70 ed. Lisboa: 1977.

DINIZ, J. Péricles. **Comunicação e Cultura: considerações e perspectivas para uma realidade em rede.** Salvador: VI ENECULT, 2010.

FREIRE, P. **Comunicação ou extensão.** 8 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

GRANOVETTER, M. **The Strenght of Weak Ties.** The American Journal of Sociology, vol. 78, n. 6, p. 1360-1380, mai 1973.

IPHAN. **Modo de fazer Viola - de - Cocho.** Brasília, DF: Iphan, 2009. 112 p.: il. color.; 25 cm. + CD ROM. – (Dossiê Iphan; 8)

MELO, José Marques de. **Teoria da comunicação: paradigmas latinoamericanos.** Petrópolis: Vozes, 1998.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário.** 6ª edição, Campinas, SP: Papyrus, 2016.

RECUERO, R. **O capital social em rede: como as redes sociais na internet estão gerando novas formas de capital social.** *In:* Contemporânea - Revista de Comunicação e Cultura. v.10, n. 03, p. 597-617. ISSN: 18099386. Salvador: UFBA, set-dez 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/download/6295/4671>>. Acesso em: 03 out 2023.